

## O PASSADO NOS POEMAS DA PRINCESA SHOKUSHI E DE SHUNZEI KYÔJO

*Kanami Hirai*

**RESUMO:** Ao longo da história do *waka*, vinte e oito antologias oficiais foram publicadas. A oitava delas é *Shinkokinshû* e foi elaborada por ordem do imperador Gotoba, em 1205. A Princesa Shokushi e Shunzei Kyôjo são duas poetas que participam desta obra com o maior número de poemas entre as representantes femininas. A primeira teve 49 de seus poemas selecionados, e a segunda, 29. Elas viveram na mesma época e tiveram um mestre em comum, Fujiwara Teika, um dos organizadores desta antologia.

Neste trabalho, veremos como as duas tratam o tema passado, através dos *waka* que contenham a expressão *mukashi* e *inishinie*, que significam passado.

**ABSTRACT:** During the long history of *waka*, the total of twenty eight official anthologies have been published. The eighth one is *Shinkokinshû*, made by order of Gotoba Emperor in 1205. Princess Shokushi and Shunzei Kyôjo are the female poets with the largest number of poems selected for this anthology. The first one contributed with 49 poems and the second one with 29. Both poets lived in the same epoch and were taught by the same master, Fujiwara Teika, who was one of the organizers of this anthology.

In this paper, we see how Princess Shokushi and Shunzei Kyôjo deal with the theme of past, by analyzing those poems with the expression *mukashi* and *inishinie*.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Shinkokinshû*, Shokushi Naishinnô, Shunzei Kyôjo, *waka*, poema.

**KEYWORDS:** *Shinkokinshû*, Shokushi Naishinnô, Shunzei Kyôjo, *waka*, poem.

A Princesa Shokushi e Shunzei Kyôjo são as duas principais representantes femininas da oitava antologia oficial de *waka*, o *Shinkokinshû*, elaborado por ordem do imperador Gotoba, sendo que a primeira participa com 49 poemas e a segunda, com 29. Ambas receberam seus ensinamentos de literatura de Fujiwara Shunzei e seu filho Teika. Shunzei foi organizador da sétima antologia oficial, o *Senzaishû*, e Teika, um dos organizadores do *Shinkokinshû*.

A Princesa Shokushi nasceu entre 1153 e 1155 e viveu até janeiro de 1205. Não se sabe ao certo a data de nascimento da Princesa, fato pouco comum tratando-se de um membro da família imperial. Também pouco se sabe sobre sua vida. Era a terceira filha do imperador Goshirakawa e passou aproximadamente onze anos de sua vida como *saiin* (sacerdotisa) do santuário de Kamo. Não se casou e não se conhece sobre sua vida amorosa. Em obras posteriores, surgiu a hipótese de ela ter tido um romance com Fujiwara Teika, seu mestre 7 a 9 anos mais jovem.

Shunzei Kyôjo era 16 ou 18 anos mais nova que a Princesa, nasceu por volta de 1171 e viveu até 1252, aproximadamente. Seu nome significa “filha de Shunzei”. As mulheres, exceto as pertencentes à família imperial, eram conhecidas como filha ou mãe de fulano. Mas na verdade, Shunzei Kyôjo era neta de Shunzei, portanto, sobrinha de Teika. Ela foi criada pelo avô, por isso ficou conhecida como “filha de Shunzei”.

Pouco depois do nascimento da Princesa Shokushi, em 1156, seu pai, o imperador Goshirakawa, e o imperador aposentado Sutoku entram em disputa para a sucessão do imperador Toba, ocorrendo então a Batalha de Hôgen. Três anos mais tarde, um desentendimento entre os ministros do imperador aposentado Goshirakawa, provoca a Batalha de Heiji. Nessas duas batalhas, os nobres tiveram de contar com o auxílio da classe guerreira.

O guerreiro, Taira Kiyomori, que auxiliou a Goshirakawa na batalha de Hôgen, teve uma rápida ascensão, chegando ao cargo de ministro (*dajô daijin*). Ele visava governar monopolizando cargos e acabou se confrontando com Goshirakawa. Em 1177, Goshirakawa tentou derrubar o clã Heiji, mas foi derrotado e enclausurado. É o fato conhecido como Conspiração de Shishigatani. Shunzei Kyôjo nasceu seis anos antes disso.

Em 1180, o príncipe Mochihito, irmão da Princesa Shokushi, e Minamoto Yorimasa reuniram soldados para derrubarem o clã Heiji, o que acabou causando batalhas por todo o país, que perduraram por cinco anos. Nesse período, Mochihito foi morto, atingido por uma flecha perdida. O clã Heiji acaba sendo derrotado em Dannoura e Minamoto Yoritomo instala um novo governo em Kamakura. A parte leste era então governada de fato pelo clã Minamoto, que tentando dominar também as outras regiões, entra em conflito com a corte. Em 1221, o imperador aposentado Gotoba desafia o governo de Kamakura, mas perde.

A Princesa Shokushi e Shunzei Kyôjo viveram numa época turbulenta, em que o poder passava da nobreza para a classe guerreira.

Entre a nobreza era dominante o sentimento de perda e de nostalgia e, como que para fugir da dura realidade, dedicava-se cada vez mais à literatura. Competições poéticas, chamadas *utakai*, eram freqüentemente promovidas e o *waka* atinge o seu auge.

O poema seguinte, de Ariwara Narihira, foi um dos mais apreciados por Fujiwara Shunzei, dentre os da primeira antologia oficial, o *Kokinshû*. Segundo Morimoto Motoko, é o poema mais utilizado como *motouta* (poema que serve de base) na antologia oficial *Shinkokinshû*. Shunzei Kyôjo não foi exceção. Este poema foi muito apreciado por ela e o mais utilizado como *motouta*, conforme observa também Morimoto.

月やあらぬ	<i>Tsukiya aranu</i>
春や昔の	<i>Haruya mukashino</i>
春ならぬ	<i>Haru naranu</i>
わが身一つは	<i>wagami hitotsuwa</i>
もとの身にして	<i>motono mini shite</i>

A lua é outra (?)  
 primavera não é  
 aquela de outrora (?)  
 Apenas eu continuo  
 o mesmo do passado

A partícula *ya*, presente nos dois primeiros versos, tem duas funções distintas: exclamativa e interrogativa. Assim, ela causa uma ambigüidade nos três versos iniciais. Tomando-a como de exclamação teremos: “A lua é outra! /A primavera não é aquela de outrora!” Nem a lua nem a primavera são as mesmas de outrora. Tudo mudou e só eu continuo o mesmo.

Por outro lado, se entendermos *ya* como interrogação, o significado mudaria para: “A lua é outra? / A primavera não é / aquela de outrora?” Claro que são as mesmas de antigamente. Só eu é que mudei.

Mesmo na época de Shunzei Kyôjo, não se chegara ao consenso, se significavam a mutabilidade ou a imutabilidade da lua e da primavera.

Vejamos como Shunzei Kyôjo utilizou este poema, que tanto apreciou, em seu poema abaixo:

梅の花	<i>Umeno hana</i>
あかぬ色香も	<i>akanu irokamo</i>
昔にて	<i>mukashinite</i>
同じかたみの	<i>onaji katamino</i>
春の夜の月	<i>haruno yono tsuki</i>

(Concurso poético 1500 / *Shinkokinshû*, Primavera)

Flores de ameixeira  
 sua cor e sua fragrância  
 iguais às do passado  
 são lembranças como a lua  
 da noite de primavera

A flor de ameixeira era apreciada pela sua fragrância. A partir da Idade Média, ela passou a ser usada nos poemas junto com as palavras que significam passado, *mukashi* e *inishie*, provavelmente por influência de *Contos de Ise*. O poema citado de

Ariwara Narihira aparece nessa obra, situado temporalmente no florescer das flores de ameixeira.

No poema de Shunzei Kyôjo, a lua e a primavera continuam as mesmas, fazendo lembrar o passado. Acrescentem-se aí a cor e o perfume da flor de ameixeira, também tomados como imutáveis. A cor e o perfume, que não canso de apreciar, são os do passado, assim como a lua da noite primaveril.

Vejamos outro exemplo:

古郷と	<i>Furusatoto</i>
成りにしかども	<i>narinishikadomo</i>
桜花	<i>sakurabana</i>
春や昔の	<i>haruya mukashino</i>
しがの花園	<i>Shigano hanazono</i>

(Concurso poético 1500, Primavera)

Mesmo se tornando  
capital abandonada  
florescem cerejeiras  
Jardim florido de Shiga  
da primavera do passado

Aqui é notável a referência ao poema de Ariwara Narihira, pois o quarto verso é idêntico ao terceiro verso deste. Sendo usado numa sequência gramaticalmente incorreta, como adjetivo de Jardim de Shiga, torna o poema também ambíguo. A primavera pode ou não ser a mesma dantes. Jardim de Shiga é uma referência a Ôtsu, ex-capital, anterior a Kyoto.

月見ても	<i>Tsuki mitemo</i>
千々にくだくる	<i>chijini kudakuru</i>
心かな	<i>kokorokana</i>
わが身一つの	<i>wagami hitotsuno</i>
昔ならねど	<i>mukashi naranedo</i>

(Cem poemas de Tôinsesshu, Lua)

Mesmo vendo a lua  
meu coração se parte  
em mil fragmentos  
apesar de não ser  
o passado só meu

Este poema tem como *motouta* também o seguinte, de Ôeno Chisato:

月見れば	<i>Tsuki mireba</i>
千々にものこそ	<i>chijini monokoso</i>
悲しけれ	<i>kanashikere</i>
わが身一つの	<i>wagami hitotsuno</i>
秋にはあらねど	<i>akiniwa aranedo</i>

Ao ver a lua  
entristeço-me pensando  
em coisas mil  
apesar de o outono  
não chegar só para mim

Enquanto no *motouta* a lua é a causa da tristeza, o poema de Shunzei Kyôjo diz “Mesmo vendo a lua”, deixando transparecer o desejo de ser confortado por ela.

No poema seguinte, o verbo “consolar” aparece claramente:

秋の空	<i>Akino sora</i>
さてもなぐさむ	<i>satemo nagusamu</i>
ひかりかは	<i>hikarikawa</i>
月に昔の	<i>tsukini mukashino</i>
かげはみゆとも	<i>kagewa miyutomo</i>

Céu outonal  
confortar-me-ia a luz?  
Mesmo que na lua  
pudesse contemplar  
a sombra do passado

A partícula “kawa” expressa a dúvida: será que a luz me consolaria, mesmo que pudesse ver o passado refletido na lua? É uma técnica em que a resposta já é conhecida, “não” Mas mostra a busca de consolo na lua.

Shunzei Kyôjo chega até a exigir que a lua reflita o passado:

ながむれば	<i>Nagamureba</i>
空やはかはる	<i>sorayawa kawaru</i>
秋の月	<i>akino tsuki</i>
みし世をうつせ	<i>mishi yoo utsuse</i>
袖の涙に	<i>sodeno namidani</i>

Ao contemplar  
o céu está mudado?  
Lua outonal  
reflita o mundo que eu vi  
nas lágrimas da manga

(Cem poemas de Tôinsesshu)

O modo imperativo do verbo tem forte impacto e mostra uma postura audaciosa de Shunzei Kyôjo. Também nota-se o desejo de ser confortada pela lua, vendo o passado refletido nela. No poema seguinte, chega até a exigir que a lua pare de mover-se.

ましてばし	<i>Mate shibashi</i>
おなじ空ゆく	<i>onaji sora yuku</i>
秋の月	<i>akino tsuki</i>
まためぐりあふ	<i>mata meguriau</i>
昔ならぬに	<i>mukashi naranuni</i>

Espere um momento  
tu que segues o mesmo céu  
lua de outono  
afinal esse passado  
não reencontrarei mais

(Cem poemas de Tôinsseshu)

Neste poema também vemos o uso do modo imperativo e colocado no primeiro verso, o que aumenta mais o seu impacto.

Vejamos agora como a Princesa tratou o tema “passado” nos seus poemas:

かえりこぬ	<i>Kaerikonu</i>
昔を今と	<i>mukashio imato</i>
思ひねの	<i>omoineno</i>
夢のまくらに	<i>yumeno makurani</i>
にほふ立ちばな	<i>niou tachibana</i>

Repouso pensando  
ser agora o passado  
que não volta mais  
À cabeceira do sonho  
perfuma a flor de laranjeira

(grupo C, Verão)

A flor de *tachibana* (família das laranjeiras) também era comumente usada então como algo que remete ao passado. Essa tradição tem origem também nos *Contos de Ise*. O poema seguinte aparece no conto do capítulo 60. Ele é oferecido por um homem a sua ex-esposa, quando a reencontra casada com outro.

五月待つ	<i>Satsuki matsu</i>
花橘の	<i>hanatachibanano</i>
香をかげば	<i>kao kageba</i>
昔の人の	<i>mukashino hitono</i>
袖の香ぞする	<i>sodeno kazo suru</i>

Ao sentir a fragrância  
das flores de laranjeira  
recordo-me com saudade  
daquela que outrora amei

Então, o perfume da flor de *tachibana* evoca as lembranças do passado. O poema da Princesa significa: “Quando durmo pensando ser agora o passado, sinto o perfume da flor de *tachibana* junto à cabeceira”. O passado aqui aparece qualificado como algo que não volta mais, já no primeiro verso. Por acreditar durante o sonho que teria voltado ao passado, realça sua triste condição.

As flores de laranjeira aparecem no seguinte poema também:

昔思ふ	<i>Mukashi omou</i>
花橘に	<i>hanatachibanani</i>

音信れて	<i>otozurete</i>
ものわすれせぬ	<i>monowasuresenu</i>
ほととぎすかな	<i>hototogisukana</i>

Lembrando o passado  
as flores de laranjeira  
o cuco vem visitar  
Ele também não esquece  
as coisas que passaram

Aqui novamente as flores fazem com que se pense no passado. O primeiro verso é ambíguo. Quem pensa no passado pode ser as flores ou o eu poético que as observa ou sente seu perfume. A tradição da época era de se referir à fragrância da flor de *tachibana* e ao canto do cuco. Então, temos o eu poético, provavelmente dentro de casa, sentindo o perfume e pensando no passado, quando ouve também o canto do cuco. Expressa através do pássaro o seu sentimento de não esquecer as coisas que passaram.

それながら	<i>Sorenagara</i>
昔にもあらぬ	<i>mukashinimo aranu</i>
秋風に	<i>akikazeni</i>
いとど詠めを	<i>itodo nagameo</i>
しづのをだまき	<i>shizuno odamaki</i>

É o vento de outono  
Mas não o mesmo de outrora  
Mas mesmo assim  
faz repetidamente  
mergulhar-me nas lembranças  
(grupo A, outono)

O seguinte poema do capítulo 32 dos *Contos de Ise* é considerado seu *motouta*:

古の	<i>Inishieno</i>
しづのをだまき	<i>shizuno odamaki</i>
繰り返し	<i>kurikaeshi</i>
音を今に	<i>mukashio imani</i>
なすよしもがな	<i>nasu yoshi mogana</i>

Quisera houvesse  
um meio de trazer  
o passado de volta  
como num desenrolar  
de um novelo de linha

Enquanto o *motouta* expressa o desejo de voltar ao passado, o poema da Princesa não mantém isso. Ele reconhece que o vento outonal não é mais o mesmo do passado, expressando também sua tristeza pela mudança.

斧の柄の	<i>Onono eno</i>
朽ちし昔は	<i>kuchishi mukashiwa</i>

とほけれど            tookeredo  
有りしにもあらぬ    arishinimo aranu  
世をもふるかな      yoomo furukana

Embora o passado  
em que o cabo decompore  
esteja distante  
continuo a viver  
neste mundo transmutado

O cabo de machado se decompor é uma metáfora de um longo período que passou. Segundo o dicionário *Hissu Kogo Jiten*, sua origem está na seguinte lenda chinesa: “Um homem ficou assistindo a uma partida de *igo* (jogo de tabuleiro) entre duas entidades encantadas e, enquanto isso, o cabo do machado que levava consigo apodrecera. Ao retornar a sua aldeia, percebe que muitos anos haviam se passado e não restava nenhum de seus conhecidos”

Neste poema, a Princesa percebe uma grande distância separando-a da saudosa época e se lamenta por continuar viva num mundo tão transformado.

A Princesa Shokushi sente uma distância entre o passado e o agora. Ela não faz poemas em que parece ver ou buscar o passado refletido em algum objeto, como Shunzei Kyôjo. Ao contrário, mostra-se resignada, considerando-o um momento que não volta mais. Ela relembra o passado e lamenta o presente, onde o mundo se mostra completamente mudado, e a sua condição de sobrevivente dessa época que passou. O poema de Ariwara Narihira, tão apreciado por Fujiwara Shunzei e tão utilizado por Shunzei Kyôjo, não foi referido pela Princesa. Nem há nenhuma combinação de lua e passado em sua obra.

Apesar de ambas as poetisas terem recebido suas lições literárias dos mesmos mestres, Fujiwara Shunzei e seu filho Teika, e de terem vivido na mesma época turbulenta, suas posturas em relação ao passado nos poemas são distintas.

## Bibliografia

- ARIYOSHI, Tamotsu. *Waka Bungaku Jiten*, Tóquio, Ôfusha, 1984.  
HIRATA, Yoshinobu. *Hissu Kogo Jiten*, Tóquio, Gakken, 1992.  
———. *Waka Shokubutsu Hyôgen Jiten*, Tóquio, Tôkyôdô, 1994.  
KOMACHIYA, Teruhiko. *Koten Bungaku Kiso Hyakka Jiten*, Tóquio.  
NISHIKI, Hitoshi. *Chûsei Waka no Kenkyû*, Tóquio, Ôfûsha.  
MORIMOTO, Motoko. *Shunzei Kyôjo no Kenkyû*, Tóquio, Ôfûsha, 1976.